



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

Sub-eixo: Relações Patriarcais de classe, gênero e raça

TRABALHO DOMÉSTICO E PANDEMIA: a expropriação da vida de mulheres negras

AMANDA DOS SANTOS LEMOS ¹

RESUMO: A proposta desse artigo é refletir sobre os impactos da pandemia de COVID-19 sobre a saúde e a vida de trabalhadoras domésticas negras. Considera-se, que a racialização deve ser ponto de partida para análise dessa forma de trabalho e que esse segmento teve sua saúde duplamente ameaçada no contexto pandêmico. É fácil percebermos como pessoas negras, de modo geral, estiveram mais expostas ao risco de contaminação pelo novo coronavírus, mas, no caso das trabalhadoras domésticas, a questão sanitária extrapolou e vimos a reafirmação de valores coloniais, como racismo, sexismo e servidão, representando uma ameaça a saúde física e mental desse segmento.

Palavras-chave: Saúde – Trabalho Doméstico – Mulheres negras – Pandemia

ABSTRACT: The purpose of this article is to reflect on the impacts of the COVID-19 pandemic on the health and lives of black domestic workers. It is considered that racialization should be a starting point for analyzing this form of work and that this

¹ Estudante de Pós-Graduação. Fundação Getúlio Vargas

segment had its health doubly threatened in the pandemic context. It is easy to see how black people, in general, were more exposed to the risk of contamination by the new coronavirus, but, in the case of domestic workers, the health issue went beyond and we saw the reaffirmation of colonial values, such as racism, sexism and servitude, representing a threat to the physical and mental health of this segment.

Keywords: Health – Domestic Worker – Black women – Pandemic

Introdução

Os últimos 2 anos vem sendo bem difíceis para todos, para alguns, quase impossíveis. Em março de 2020, fomos assolados por um inimigo invisível e letal, o *SARS-CoV-2*² ou novo Coronavírus-2019. Embora o coronavírus já fosse conhecido e tratável, essa nova variação foi implacável e, todas as formas de tratamento conhecidas, ineficazes.

A medida que o vírus ia se espalhando pelo mundo, além da tragédia sanitária, as mazelas sociais, econômicas e culturais foram se intensificando e consolidando a previsão que se anunciava, diante do caos eminente: “Não é preciso dizer que [os mais vulneráveis sempre serão mais atingidos](#) — isso independe de uma pandemia. São questões estruturais.” (Djamila Ribeiro, 2020)³.

No Brasil o vírus chegou discretamente, mas, rapidamente se espalhou pelos grandes centros urbanos. Algumas autoridades apreçaram-se em tomar medidas para contenção do contágio e

2 Os coronavírus causam infecções respiratórias em seres humanos e em animais. Geralmente, são doenças respiratórias leves a moderadas, semelhantes a um resfriado comum. Já o novo coronavírus é uma nova cepa do vírus (2019-nCoV) que foi notificada em humanos pela primeira vez na cidade de Wuhan, na província de Hubei, na China. (Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta/o-que-e-o-novo-coronavirus>. Acessado em 05 de jun. de 2020.)

estratégias de enfrentamento contra a doença, outras, entretanto, fizeram tudo o que puderam para dificultar a proteção da população, boicotando as medidas de isolamento – recomendados por médicos e cientistas –, estorvando o processo de aquisição de vacinas ou ainda negando a assistência material necessária para que os mais vulneráveis pudessem se proteger.

Desde o momento em que Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou que o mundo estava vivendo uma pandemia⁴, cientistas e pesquisadores já demonstraram preocupação com o país, por suas dimensões continentais e pelo número de pessoas morando em condições precárias e insalubres, como nas favelas do Rio de Janeiro, por exemplo.

Eu acho que nós vamos ter um número muito grande de mortes, vamos ter um impacto na economia enorme, uma duração prolongada. (...) Agora é que nós vamos pagar o preço por essa desigualdade social com a qual nós convivemos por décadas e décadas, aceitando como uma coisa praticamente natural. Agora vem a conta a pagar. Porque é a primeira vez que nós vamos ter a epidemia se disseminando em larga escala em um país de dimensões continentais e com tanta desigualdade.⁵

Em se tratando das desigualdades econômicas e sociais, a população negra está a frente nas estatísticas e levantamentos oficiais, resultado de sua escravização e de um processo

3RIBEIRO, Djamila. “Doméstica idosa que morreu no Rio cuidava da patroa contagiada pelo coronavírus”. Folha de São Paulo (on-line). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/03/domestica-idosa-que-morreu-no-rio-cuidava-da-patroa-contagiada-pelo-coronavirus.shtml>. Acessado em: 01 de mai. de 2020.

4 Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou hoje (11 de mar. de 2020.) que a organização elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2).

A mudança de classificação não se deve à gravidade da doença, e sim à disseminação geográfica rápida que o Covid-19 tem apresentado. "A OMS tem tratado da disseminação [do Covid-19] em uma escala de tempo muito curta, e estamos muito preocupados com os níveis alarmantes de contaminação e, também, de falta de ação [dos governos]", afirmou Adhanom no painel que trata das atualizações diárias sobre a doença. (Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acessado em 02 de out. de 2021.).

5 Fala do Dr. Dráuzio Varella, em entrevista concedida à BBC Brasil, em março de 2020. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52329579>. Acessado em 02 de out. de 2021.

abolicionista, malfeito, fajuto, que concedeu aos negros em diáspora uma *liberdade cerceada*⁶.

No cenário angustiante onde predominam as desigualdades sociais, a doença será apenas mais um fator de risco, toda e qualquer variante é potencializada, aumentando ainda mais, as consequências das pobreza e das disparidades. Quando pensamos em desigualdades sociais é importante verificarmos como os marcadores sociais de diferença estão presentes, reforçando a condição de penúria que está em questão. Para os que não tem acesso, raça, gênero, geração são marcadores que compõem o sistema de opressões e subjugações que ancoram o capitalismo. Esses marcadores interseccionados, tornam grupos étnicos sociais específicos ainda mais vulneráveis a todo tipo de catástrofe, incluindo-se aí, às sanitárias, com as quais, diga-se de passagem, já convivem historicamente.

Quando associamos classe social, raça e gênero, vemos que o cenário caótico produzido pela pandemia, apenas agravou a luta cotidiana desses grupos étnicos oprimidos, em especial, as mulheres negras periféricas. Esse segmento populacional, especificamente, vê suas condições de vida ainda mais precarizadas, por vivermos em uma sociedade machista, racista, classista e misógina.

A urgência pela sobrevivência, em condições materiais tão adversas, muitas vezes, empurra mulheres negras ainda meninas para o trabalho doméstico remunerado, assim como aconteceu no pós-abolição, tornando esse o lugar, socialmente, idealizado para essas mulheres.

Somente o fato, de mulheres negras ainda serem maioria no trabalho doméstico remunerado em 2021⁷, poderia ser discutido de várias maneiras, mas, existem questões mais subjetivas

6 A assinatura da Lei Áurea apenas acabava com o cativeiro no Brasil, mas não propunha nem oferecia alternativas para os milhares de ex-escravos que tinham obtido a liberdade, muito menos para seus descendentes. Desse modo, depois das festas e comemorações que se seguiram por todo o Brasil, grande parte dos negros libertos se perguntou: “e agora, o que fazer?”. (SANTOS, 2018, p.252)

7 Dados disponíveis em https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35255. Acessado em 03 de nov. de 2021.

nesses números, como por exemplo, a saúde dessas mulheres, como elas viveram a pandemia ou quem cuida de quem cuida?

Devemos entender que o novo coronavírus não trouxe problemas diferentes, ele apenas expos e agravou expressões da Questão Social⁸ já vivenciadas pelos mais vulneráveis. A pandemia deixou claro o quanto a elite brasileira está presa ao passado colonial, aos valores que mantiveram a colônia e, o quanto não há no trabalho doméstico nada de “um trabalho como outro qualquer” ou “ela é quase da família”, muitas trabalhadoras domésticas ficaram entregues à própria sorte, quando mais precisaram de cuidados, as situações de aviltamento se sobrepuseram a questão sanitária e a saúde, que relegada a último plano, em muitos casos, foi definitivamente perdida, levada pelo elitismo, pelo racismo e pela desumanização imposta aos corpos femininos negros.

I. Quem protege nossas mães? Trabalho doméstico remunerado e pandemia

D. Cleonice Gonçalves, trabalhadora doméstica, negra, 63 anos de idade, mãe, irmã, avó, moradora da cidade de Miguel Pereira/RJ, portadora de outras comorbidades, tornou-se a primeira vítima fatal de COVID-19 no estado do Rio de Janeiro. Sua patroa – não identificada – chegou, regressou de viagem à Itália (na época epicentro mundial da doença), no final de fevereiro/20; já sintomática, manteve a trabalhadora cuidando de sua casa normalmente, mesmo sabendo da possibilidade de transmissão. D. Cleonice manteve a rotina normal de trabalho, cumprida pelos últimos 10 anos; passava a semana no trabalho, por conta da distância entre sua residência e o bairro da Lagoa, onde trabalhava, cerca de 120Km, estando em casa apenas poucos dias na semana.

No domingo 15/03/20, ao retornar para o trabalho, começou a se sentir mal. Sua patroa

8 “A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão.” (CARVALHO; IAMAMOTO: 1983, p.77).

solicitou que alguém de sua família a viesse buscar no trabalho. Como isso não aconteceu, visto a distância que os separava, na 2ª feira, 16/03/20, a patroa, colocou D. Cleonice em um táxi, para que este a levasse de volta a sua cidade. Infelizmente, ela não retornou para casa, foi levada direto para o hospital, onde deu entrada já em estado grave. Faleceu na madrugada do dia 17/03/20. Segundo os médicos, teve seu quadro agravado pelas comorbidades pré-existentes.⁹

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁰, através da Pnad Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), entre o “4º trimestre de 2019 e o 4º trimestre de 2020 (...) a população ocupada em trabalhos domésticos (...) também viu as oportunidades diminuir, de 6,4 milhões, em 2019 para 4,9 milhões, ano passado”, demonstrando que a pandemia diminuiu em cerca de 1,5 milhão o número de postos de trabalho para as empregadas domésticas mensalistas ou diaristas. O mesmo levantamento dá conta que “MULHERES representam mais de 92% das pessoas ocupadas em trabalho doméstico, das quais mais de 65% são NEGRAS.” Finalizando, a Pnad diz ainda que a média semanal de trabalho das empregadas domésticas no Brasil foi de 52 horas e em “todas as regiões, com exceção da Região Sul, houve aumento das domésticas chefes de família”.

Se 6,2 milhões de pessoas, entre homens e mulheres, estavam empregadas no serviço doméstico, mais de 4 milhões eram pessoas negras – destas, 3,9 milhões eram mulheres negras. Estas, portanto, respondem por 63% do total de trabalhadores(as) domésticos(as). Ou seja, do ponto de vista do discurso, as mulheres negras ‘podem estar onde quiserem’; na prática, porém, a realidade as direciona, de maneira desproporcional, a trabalhos como o serviço doméstico remunerado, com toda a precariedade e exploração que lhe são característicos. Do total de ocupadas no mercado de trabalho, 18,6% das mulheres negras exerciam

9 Informações veiculadas no artigo “Doméstica idosa que morreu no Rio cuidava da patroa contagiada pelo coronavírus”. Publicado pela Folha de São Paulo (on-line). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/03/domestica-idosa-que-morreu-no-rio-cuidava-da-patroa-contagiada-pelo-coronavirus.shtml>. Acessado em: 01 de mai. de 2020.

10 Dados disponíveis em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html#:~:text=DIEESE%20%2D%20outras%20publica%C3%A7%C3%B5es%20%2D%20Gr%C3%A1fico%20%2D,dom%C3%A9stico%20no%20Brasil%20%2D%20abril%2F2021&text=4%2C9%20milh%C3%B5es%2C%20no%20ano%20passado.&text=Elabora%C3%A7%C3%A3o%3A%20DIEESE>. Acessado em 03 de out. de 2021.

trabalho doméstico remunerado, proporção que cai a 10%, quando se trata de mulheres brancas. (IPEA, 2019, p.12).

As variantes que empurram mulheres negras para o trabalho doméstico remunerado são estruturais e históricas, uma realidade que avança e retrocede com a mesma facilidade com que crianças ralam joelhos, porque mulheres negras seguem desumanizadas e subalternizadas, tornando a tarefa de ascenderem social e economicamente muito mais difícil, do que para homens negros, por exemplo, o que não significa dizer que mesmo quando isso acontecer, seus corpos deixarão de ser racializados e inferiorizados pela sociedade.

No imaginário social está arraigada a ideia de que nós negros devemos ocupar somente funções de baixa remuneração e que exigem pouca escolaridade. Quando se trata das mulheres negras, espera-se que o nosso lugar seja o da empregada doméstica, da faxineira, dos serviços gerais, da babá, da catadora de papel. (PIEADADE, 2017).

O trabalho doméstico estará sempre à espreita de mulheres negras, está posto. A questão agora é que a pandemia, provocada pelo novo coronavírus, evidenciou para os que ainda tentavam negar, a precariedade do trabalho doméstico remunerado e a objetificação da vida de suas trabalhadoras. As situações as quais essas mulheres foram expostas durante o período pandêmico, não deixa dúvidas sobre o quanto o trabalho doméstico segue desprestigiado em nossa sociedade e o porquê ser exercido, majoritariamente, por mulheres negras. O corpo negro, segue sendo um corpo público, aquele que está *sempre* disponível para atendimento das necessidades alheias.

Tentando materializar o que foi vivenciado pelas trabalhadoras domésticas na pandemia, seguem, para registro, histórias reais relatadas nas redes sociais:

Eu não pude ficar em casa quando a ordem era que TODOS ficassem! Minha patroa disse que não tinha como pagar meu salário se eu permanecesse em casa! Acabou que ela pegou covid, passou para mim, eu acabei contaminando a minha mãe! Minha mãe não resistiu. Agora estou em casa com um filho autista sem emprego, sem minha mãe e sem comida. (...).¹¹

Família com pai, mãe e dois filhos com COVID; pediu que a empregada doméstica

11 Relato disponível no perfil do Instagram @elaesoababa. Publicado em 17 de jan. de 2021. Acessado em 15 de fev. de 2021.

continuasse a ir trabalhar para cuidar deles prometendo ‘assinar a carteira’ ao final da pandemia. Obviamente todos estão vivos e a empregada com 37 anos e uma ilha de 15 anos, faleceu de COVID.¹²

Claramente, a necessidade de proteção da vida de mulheres negras não se sobrepôs a necessidade de cuidado dos lares da classe dominante. Mesmo diante do risco iminente de contaminação, essas mulheres seguiram trabalhando, diante da perversa escolha entre perecer pela doença ou pela fome.

“A colônia produziu muito mais que cativos”, no caso brasileiro especificamente, ela produziu um Estado Nação surgido e ancorado em invasões, estupros e massacre, valores que seguem sendo reafirmados, assegurando a continuidade de situações e contextos coloniais, ávidos pela implementação e manutenção de uma política de morte, pela formatação de um “*mundo de mortes*”. É um cenário de escarnio para com os corpos historicamente desumanizadas, bestializadas, marginalizadas (no sentido de criminalizadas), o genocídio inicial, ocasionado pela invasão europeia em territórios indígenas e africanos confundisse na sociedade contemporânea com essa necropolítica praticada hoje, mantendo a imagem da colônia viva entre nós.

(...) gostaria de trazer pelo menos mais um assunto no âmbito da saúde que é pouquíssimo abordado: pessoas negras no Brasil têm a maior taxa de hipertensão e, conseqüentemente, problemas cardíacos. O que pouca gente diz sobre isso e que, aliás, poderia ser tratado como óbvio é: uma população que vive na mira da pobreza, da fome, do desemprego, da exploração, do racismo e, claro, da bala, certamente vive sob tensão e estresse. E daí, a causa óbvia para a hipertensão e para a conformação do grupo de risco para a COVID-19.

(...) a conclusão a que podemos chegar é apenas uma: ‘Por que as pessoas negras são as que mais morrem de COVID-19?’. Porque as pessoas negras são as que mais morrem, e ponto final. (AMBROSIO, 2021).

A necropolítica operada historicamente pelo nosso Estado, auxilia na seleção dos que servem para viver e para morrer, os que servem ou não ao sistema. Infelizmente, raça, classe social, gênero e idade são marcadores que legitimam essas escolhas e a doença tornou esse processo mais fácil.¹³

A doença não olha classe social, gênero ou raça, quem olha é a própria sociedade que se organiza de forma desigual, distribuindo privilégios históricos para brancos

12 Relato disponível no perfil do Instagram @thikos. Publicado em 16 de jun. de 2021. Acessado em 05 de out. de 2021.

ricos, que estão na classe endinheirada, mais protegida por condições confortáveis que evitam contágio e morte.¹⁴

Sob muitos aspectos, a morte de D. Cleonice, reforça que o que mais mata pessoas negras não é a COVID-19, mas, o descaso e a desumanização causados pelo racismo, que adocece, enlouquece e aniquila pessoas negras e indígenas. “Cleonice, mulher negra e pobre, aos 63 anos, não estava em casa aposentada com seus netos, estava limpando o chão de uma mulher branca que viajava para Europa”.

A maneira como a morte de D. Cleonice afeta a saúde – principalmente mental – da categoria profissional das trabalhadoras domésticas e da população negra é arrebatadora. Além dela ter se tornado a 1ª vítima fatal da COVID no estado do Rio de Janeiro, durante dias ela foi tratada pela imprensa apenas como “a 1ª vítima” ou “a doméstica”, sua identidade, seu rosto, sua humanidade foram negados até mesmo depois de sua morte, toda a sua história de vida foi reduzida a duas categorias: vítima e doméstica, que fazem parte dela, mas certamente, não definem que ela foi. Para nós, negros/as, isso é extremamente violento e doloroso, nós reconhecemos, percebemos que os nossos poderão passar pela mesma situação de indignância. “Em tudo que li, não encontrei o nome dela, sempre se referem a ela como ‘doméstica’. Fiquei pensando, (...), sobre a solidão institucional.” (Djamila Ribeiro, 2020)¹⁵.

Voltemos à nossa mulher sem nome que morreu. Eu realmente gostaria de prestar uma homenagem a ela, fazer um obituário. Escrever seu nome e sobrenome. Minha

13 “O sistema capitalista é baseado na distribuição desigual da oportunidade de viver e de morrer”, diz Mbembe. “Essa lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo, que deveríamos chamar de necroliberalismo. Esse sistema sempre operou com a ideia de que alguém vale mais do que os outros. Quem não tem valor pode ser descartado.” Achille Mbembe, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo. (Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/03/pandemia-democratizou-poder-de-matar-diz-autor-da-teoria-da-necropolitica.shtml>. Acessado em 30 de mar. de 2020.)

14 Publicado por Alê Santos, no perfil do Twitter @savagfiction, em 01 de mai. de 2020. Disponível em: <https://twitter.com/savagfiction/status/1256267240636366849>. Acessado em 05 de nov. de 2021.

15 RIBEIRO, Djamila. “Doméstica idosa que morreu no Rio cuidava da patroa contagiada pelo coronavírus”. Folha de São Paulo (on-line). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/03/domestica-idosa-que-morreu-no-rio-cuidava-da-patroa-contagiada-pelo-coronavirus.shtml>. Acessado em: 01 de mai. de 2020.

mãe foi empregada doméstica antes de se casar com meu pai, é por isso que essas histórias me tocam tanto.

(...) Minha mãe se chamava Erani Benedita dos Santos, nascida em Piracicaba, filha de José dos Santos e Antônia Bueno dos Santos. Mãe de quatro filhos, foi casada com Joaquim José Ribeiro dos Santos e dona de casa a maior parte da vida. Inteligente, forte. Lutou bravamente para que os filhos pudessem romper o ciclo de exclusão. Era assim que eu queria escrever sobre a idosa de 63 anos que morreu no Rio de Janeiro, se ela não fosse vítima da solidão institucional. (Djamila Ribeiro, 2020)¹⁶.

Voltando a preservação da saúde de trabalhadoras domésticas durante a pandemia, o caso de D. Cleonice foi – infelizmente – apenas a abertura da “*Caixa de Pandora*”¹⁷. Alguns estados – PE, MA, SE – classificaram o trabalho doméstico como “serviço essencial” – o que legalizou a continuidade de mulheres negras no exercício de suas funções laborais, excluindo desse grupo a possibilidade de proteção e cuidado contra a doença. “Carimbar tais atividades, como ‘serviço essencial’, significa expor um grupo de trabalhadoras ao risco majorado de infecção.”¹⁸

Estados como Pará e Pernambuco classificaram serviço doméstico como atividade essencial, expondo inúmeras mulheres racializadas à doença...

Entretanto, em meio à grave crise sanitária, o trabalho doméstico e de cuidado remunerado saem da invisibilidade para serem classificados como atividade essencial em alguns Estados, como Pernambuco e Pará, para fins de continuidade da prestação de serviços pelas trabalhadoras, em sua maioria mulheres negras, apesar da quarentena instituída em municípios com curvas de contágio alarmantes como Recife e Belém.¹⁹

16 RIBEIRO, Djamila. “Doméstica idosa que morreu no Rio cuidava da patroa contagiada pelo coronavírus”. Folha de São Paulo (on-line). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/djamila-ribeiro/2020/03/domestica-idosa-que-morreu-no-rio-cuidava-da-patroa-contagiada-pelo-coronavirus.shtml>. Acessado em: 01 de mai. de 2020

17 “Trata-se de um caixa onde os deuses colocaram todas as desgraças do mundo, entre as quais a guerra, a discórdia, as doenças do corpo e da alma. Contudo, nela havia um único dom: a esperança.” Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/caixa-de-pandora/>. Acessado em 05 de nov. de 2022.

18 Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/na-pandemia-por-que-servico-domestico-e-classificado-como-essencial/>. Acessado em 05 de out. de 2021.

19 FERRITO, Bárbara e MAEDA, Patrícia. Na pandemia, por que serviço doméstico é classificado como essencial? Carta Capital. Publicado em 28 de mai. de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/na-pandemia-por-que-servico-domestico-e->

Na sequência, vieram as notícias que deram conta de sucessivas histórias de violações, desrespeito a quarentena, cárcere privado, fome, negligências cometidas contra trabalhadoras domésticas e, sem qualquer surpresa, todos os corpos mostrados na mídia eram negros. Em 11 de abril de 2021, o jornal soteropolitano “*Correio 24 Horas*” publicou longa reportagem intitulada: “***Empregadas são obrigadas a ficar na casa dos patrões ‘enquanto a pandemia durar’***” e trouxe dados assustadores sobre o que muitas trabalhadoras domésticas viveram na Bahia em 2020.

No imaginário da elite brasileira, as trabalhadoras representavam o risco de contaminação, justamente, por morarem nas periferias das cidades e utilizarem – o já precário e insalubre – transporte público para chegarem as “casas de família”.

Aila* não saiu da casa dos patrões por quase um ano. Eles queriam se proteger do coronavírus e o preço foi a liberdade dela, empregada doméstica que ficou privada da própria vida desde março do ano passado [2020] até fevereiro deste ano [2021]. Ela reclamava, era livre. ‘Mas é para o bem de todos’, respondia a patroa. Aila* precisava do salário. Foi ficando naquele cárcere, por necessidade.²⁰

O órgão representativo da categoria na Bahia, informou à reportagem já ter contabilizado “28 pedidos de socorro”, porém, “‘ainda há muitos casos não descobertos’, ofuscados pelo medo das trabalhadoras de denunciar”. Essa notícia parece tão colonial que fica até difícil relacionar com a atualidade, é uma expropriação do corpo do outro, do direito e da vitalidade do outro. “Este falacioso reconhecimento da essencialidade do trabalho doméstico remunerado nada mais é do que uma expressão da colonialidade do poder e do poder e do ser”.²¹

Não há qualquer preocupação com a saúde ou a sanidade dessas mulheres, o bem viver de

[classificado-como-essencial/](#). Acessado em 09 de nov. de 2021.

20 Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/empregadas-sao-obrigadas-a-ficar-na-casa-dos-patroes-enquanto-a-pandemia-durar/>. Acessado em 11 de abr. de 2021.

21Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/sororidade-em-pauta/na-pandemia-por-que-servico-domestico-e-classificado-como-essencial/>. Acessado em 05 de out. de 2021.

peças negras, não desperta a comoção social, muito menos, interesse político, o que se justifica muito no *racismo estrutural*²² que não permite que pessoas negras estejam em instâncias de poder. Observe-se que a preocupação é com a saúde e manutenção da ordem na casa da família empregadora, as trabalhadoras que se adequem, ou serão dispensadas – como muitas foram – sem qualquer tipo de auxílio ou assistência.

A situação foi tão alarmante que os filhos dessas mulheres, se uniram e criaram o movimento “*pela vida de nossas mães*”²³, reivindicando o respeito ao direito de suas mães fazerem uma quarentena segura e remunerada.

A manutenção do trabalho doméstico durante a pandemia, diz respeito, antes de mais nada, aos privilégios gozados pela elite brasileira, que concentra pessoas brancas, explicitando o quanto este grupo está autorizado a fazer o que for preciso para atendimento de suas necessidades e interesses e o quanto corpos negros seguem desumanizados e relegados a própria sorte em nessa sociedade. Direitos, acesso, existência são palavras muito distantes da realidade de uma parcela significativa da população e isso nunca esteve tão claro para todos quanto agora.

II. Por que o racismo adoece e mata mais do que qualquer pandemia?

O adoecimento e a morte física causam dor, sofrimento, impotência, entretanto, há na *mistanásia*²⁴, algo mais doloroso que a doença, que é se perceber desumanizado, sem acesso

22 Para Sílvia de Almeida (2018), racismo estrutural é “uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo ‘normal’ com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional”. (pág. 40).

23 Movimento criado pelos filhos e filhas de domésticas e diaristas pela quarentena remunerada. Perfil disponível nas redes sociais @pelavidadenossasmaes.

24 “A *mistanásia*, também conhecida por *eutanásia social*, consiste na ocorrência de mortes precoces causadas por fatores políticos, sociais e econômicos. É a exclusão do indivíduo dos processos de inserção social e construção da cidadania.

Sobre a origem da palavra *mistanásia*, Vieira Filho explica que ela tem origem no grego: *mis* significa miserável; e *thanatos* significa morte. Dessa forma, *mistanásia* se refere à morte miserável, infeliz, prematura, fora ou antes

ao mínimo ou nas palavras de Florestan Fernandes, “aos negros resta a própria sorte”. O adoecimento começa quando nos é negado o direito a existência, a proteção contra o vírus e, termina com o apagamento de nossas histórias.

Cerca de 35% das trabalhadoras domésticas do país, não são negras, seus corpos não são atravessados pela racialização, suas vidas não são colocadas em risco, pela necessidade do outro, pela indignidade que é imposta pelo sistema, pois, não vemos corpos brancos em nenhum dos – bizarros – casos noticiados até aqui. Esse “sintoma” demonstra que a doença social que contaminou a sociedade brasileira – o racismo, vitimiza corpos negros e indígenas, muito mais que qualquer pandemia.

(...) a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder. (MBEMBE, 2018, p.05).

Nesse cenário, o elitismo e o racismo não poupam nenhum corpo negro, nem mesmo os pequenos. Em 02 de junho de 2020, a trabalhadora doméstica negra, Mirtes Renata de Souza, filha da também trabalhadora doméstica Marta Maria Santana Alves, precisou levar seu único filho, de 5 anos de idade, o menino negro *Miguel Otávio Santana da Silva*, para a casa onde trabalhava. A casa pertencia a família do então prefeito do município de Tamandaré (PE) Sérgio Hacker, no luxuoso condomínio Píer Maurício de Nassau²⁵ – localizado na região central da capital do estado. Observe-se que em 02 de jun. de 2020, estávamos em um momento grave da pandemia, portanto, as escolas e creches seguiam fechadas, cumprindo a quarentena, a que muitas trabalhadoras domésticas não tiveram direito, por isso Mirtes Renata precisou levar o filho ao trabalho, visto que os equipamentos de suporte para as mães trabalhadoras estavam fechados. Naquele dia, lá pelas tantas, Mirtes precisou descer com o cão da família Hacker para um passeio, deixando o menino, no 5º andar do prédio, sob os

do seu tempo”. (SOARES; FREIRE, 2020, p.157).

²⁵Vejam as ironias cotidianas de nossa colonialidade, reafirmada diariamente. Maurício de Nassau “foi um conde, militar e administrador holandês. Governou as províncias holandesas no Brasil, instalou a capital do Brasil holandês na cidade do Recife, na capitania de Pernambuco”. Disponível em: <https://www.ebiografia.com>. Acessado em: 05 de out. de 2021.

cuidados de sua patroa, a 1ª dama de Tamandaré Sarí Corte Real. Durante o passeio, que segundo a própria Mirtes, não demorou, o menino quis ir ao encontro da mãe, fazendo algumas incursões no elevador. Sarí que estava fazendo as unhas nesse momento (seria manicura outro serviço essencial?), tentou impedir o menino algumas vezes, até que irritada permitiu que o menino entrasse no elevador, apertando alguns botões, como é denunciado por câmeras de segurança.

O desfecho da negligência cometida por Sarí, traduzida em racismo estrutural, foi Miguel, desembarcando sozinho no 9º andar do prédio, subindo em alguns condensadores de ar-condicionado, despencando de uma altura de 35m e sendo encontrado morto, no solo quente de uma área de lazer do prédio, por sua mãe. A cena, também registrada por câmeras de segurança e, divulgada pela mídia²⁶, é de entristecer qualquer humano que tenha empatia e, de disparar diferentes “gatilhos” em qualquer pessoa negra, especialmente, aos que já estiveram na mesma situação de Miguel, acompanhando suas mães negras, em seus trabalhos em “casa de família”.

Tem um trecho do meu livro que eu conto quando minha mãe era doméstica e precisava me levar com ela, era o único momento do dia que a gente tinha a refeição, e um dia uma ex-patroa dela RECLAMOU que minha mãe iria fazer dois pratos, naquele dia minha mãe não almoçou, apenas eu almocei. Quando eu vejo pessoas argumentando porque a mãe do Miguel levou ele, eu lembro da minha mãe que não tinha com quem me deixar, ela precisava me levar, e eu ajudava minha mãe com oito anos a fazer faxina para que ninguém reclamasse que eu estava lá.²⁷ (Grifos do original.).

A sucessão de histórias aviltantes envolvendo trabalhadoras domésticas negras, durante a pandemia, precisam ser entendidas a partir do viés racista que as constroem e vistas como um dano causado à saúde mental de todo um segmento populacional e uma categoria profissional, pois, é impossível, não sendo negro ou negra e pobre, não ser atingido por essas histórias.

26 Dados obtidos em reportagem publicada no G1, o portal de notícias. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml>. Acessado em 05 de jun. de 2020.

27A cantora Valesca Popozuda se pronunciou nas redes sociais sobre a história de Mirtes e Miguel, por ter vivenciado a mesma situação na infância. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/05/valesca-comenta-morte-de-miguel-e-lembra-caso-vivido-pela-mae-ex-domestica.htm?cmpid=copiaecola>. Acessado em 08 de nov. de 2021.

Em plena pandemia as mulheres pretas continuam trabalhando e suas patroas não compreendem que seu isolamento também é fundamental. Eu estou me afogando em lágrimas de indignação, luto e raiva. Eu simplesmente não consigo parar de chorar. Porque minha memória ancestral me mostra que essa realidade sempre esteve presente na vida de nossas ancestrais até atualidade. Penso no choro e medo do Miguel, o mesmo choro que nossas crianças choravam quando eram vendidas e separadas de suas mães. (Katuscia Ribeiro, 2020)²⁸.

A certeza de que sua vida tem menos valor, em função da cor de sua pele, mata diariamente, negros e indígenas, mata com a agilidade da bala de revólver ou com a lentidão das humilhações diárias sofridas silenciosamente.

As histórias de Miguel, D. Cleonice, das domésticas baianas, nos levam diretamente aos indos de 1500, onde nossos ancestrais eram traficados e comercializados como escravos, desumanizados, desalmados, um sofrimento sem qualquer precedente. Esses casos, e tantos outros, que vem sendo noticiados tão corriqueiramente nessa pandemia, envolvendo trabalhadoras domésticas negras, repete a vergonhosa história da escravidão negra no Brasil, atestando o quanto a nossa elite preza pela colonialidade e por todos os privilégios trazidos com ela, o desprezo social por corpos negros explicita o quanto a abolição da escravidão foi, na verdade é, um projeto inacabado, malsucedido, que mantém a população negra a margem, entregue a toda sorte de desproteções e que explica as condições de saúde a que os negros/as tem acesso.

Considerações Finais

Infelizmente, o trabalho doméstico é considerado (ainda hoje) um trabalho improdutivo²⁹, ou seja, não produz *mais valia*³⁰, não produz valor, o que explica o seu lugar subalterno e

28 Disponível em: [instagram.com/p/CBBomZoJgl5/](https://www.instagram.com/p/CBBomZoJgl5/). Acessado em 05 de jun. de 2020.

29“(…) as categorias de trabalho produtivo e improdutivo também adquirem sua maturidade histórica [com a Revolução Industrial]: é produtivo o trabalho assalariado que produz mais-valia e improdutivo aquele que não produz mais-valia”. (LESSA, 2009).

30 **Mais Valia** - O capitalista adianta DINHEIRO para a compra de FORÇA DE TRABALHO e meios de produção; depois de terem os trabalhadores produzido uma nova MERCADORIA com a ajuda dos meios de

desprestigiado dentro da divisão sociotécnica do trabalho, juntamente, seu atravessamento racial.

A pandemia causada pelo novo coronavírus, pelo inusitado e ineditismo da situação, traz muitas questões à tona, porém, explicita o quanto vivemos uma realidade socialmente desigual e moralmente racista e sexista.

A colonialidade, que alicerça nossa sociedade, segue agindo em distintas dimensões da vida dos sujeitos, nas instâncias de poder, saber e, até mesmo, do ser, o que perpetua as condições sociais, políticas e econômicas para manutenção do genocídio dos grupos étnicos minorizados, operacionalizando uma necropolítica empreendida, descaradamente, contra a população negra, pobre e jovem do país. Nesse sentido, o novo coronavírus facilitou a continuidade da barbárie e, mais uma vez, mulheres negras seguiram sendo um alvo privilegiado para as violências fundamentadas na ideia de superioridade. O direito a saúde, que já lhes era negado, mesmo antes da saúde ser um direito universal em nosso país, estendeu-se também a negativa do direito a proteção, o direito à vida foi, severamente, negligenciado e suas saúdes mentais, ainda mais afetadas diante da possibilidade concreta de morte. A verdade é que a população negra não tem acesso a direitos sociais – saúde, educação, moradia – desde que aqui chegou, a pandemia só acabou com qualquer argumento que tentasse dizer o contrário.

As mortes de trabalhadoras domésticas (no caso, negras) e da população negra em geral, decorrentes da pandemia, explicitam o quanto esse grupo racial está vulnerável e à mercê do acaso. Quantas mortes poderiam ter sido evitadas, apenas se houvesse respeito às leis e aos direitos fundamentais? O vírus, a pandemia ou qualquer outra doença, servirá apenas para

produção, o capitalista normalmente vende a mercadoria produzida por mais dinheiro do que o investido. Marx expressou esse movimento pela fórmula $D-M-D'$ (Dinheiro-Mercadoria-Dinheiro'), onde D' , o dinheiro realizado com a venda das mercadorias, é maior que D , o dinheiro investido ou adiantado. Se os preços pagos e recebidos são iguais em valor, esse dinheiro adicional é a mais-valia que, nessa forma fenomenal, corresponde à categoria contábil convencional de margem bruta (ou lucro bruto): o tanto em que a receita das vendas excede o custo direto dos bens vendidos. Para efeito do capital como um todo (embora não para os capitais particulares), Marx afirmava que a mais-valia total definida em termos de valor é igual ao lucro total definido em termos de preço, mesmo que o preço de cada mercadoria em dinheiro não seja igual ao seu valor. (BOTTOMORE, 2001, p.364).

formalizar a causa morte, a sentença de morte já está, institucional e socialmente, decretada.

Políticas públicas deveriam ser pensadas e implementadas para mudar, minimamente, a realidade dessas mulheres, para que senhoras idosas como D. Cleonice, não precisem se manter trabalhando aos 63 anos ou para que mulheres, como Mirtes Renata, tenham em qualquer circunstância, uma rede de apoio para deixar suas crianças durante o trabalho, isso é promover e preservar a saúde de trabalhadoras domésticas, isso é dar dignidade ao trabalhador. Tornar o trabalho doméstico remunerado “serviço essencial” durante a maior pandemia do século, é escancarar os privilégios e a soberania de uns, em detrimento e desvalorização da vida do outro, é, descaradamente, negar direitos fundamentais aos considerados subalternos, isso legitima e aprofunda as desigualdades sociais e raciais que marcam a sociedade brasileira, apagando cada dia mais o mito da “democracia racial”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- AMBROSIO, Letícia. Por que as pessoas negras são as que morrem mais de COVID-19 no Brasil. *Informa SUS UFSCAR*. Publicado em 18 de mai. de 2021. Disponível em <https://www.informasus.ufscar.br/por-que-as-pessoas-negras-sao-as-que-morrem-mais-de-covid-19-no-brasil/>. Acessado em 05 de nov. de 2021.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.
- CARVALHO, Raul; IAMAMOTO, Marilda Vilela. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. São Paulo, Cortez, 1983
- MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder soberania estado de exceção política da morte. *Arte & Ensaios – Revista do PPGAV/EBA/UFRJ*. n. 32. Dezembro 2016. p. 122-151. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acessado em 09 de nov. de 2021.
- PIEIDADE, Vilma. *A cor da faxina do Brasil*. Rio de Janeiro: Blog da Partida Feminista, 2017. Disponível em: <https://partidanet.wordpress.com/2017/07/24/a-cor-da-faxina-no-brasil/>. Acessado em 05 de nov. de 2021.
- PINHEIRO, Luana; LIRA, Fernanda; REZENDE, Marcela; FONTOURA, Natália. *Os desafios do passado no trabalho doméstico do século XXI: reflexões para o caso brasileiro a*

partir dos dados da PNAD contínua. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 2019. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9538/1/td_2528.pdf. Acessado em 05 de nov. de 2021.

PINTO, Elisabete Aparecida. Mulher negra e o emprego doméstico: a travessia pelo século XX e as novas perspectivas para o século XXI. Publicado em 07 de mar. de 2012. Disponível em https://www.geledes.org.br/mulher-negra-e-o-emprego-domestico-a-travessia-pelo-seculo-xx-e-as-novas-perspectivas-para-o-seculo-xxi/?gclid=CjwKCAjwzOqKBhAWEiwArQGwaBEPPhCZQnR8fTr0MLqR6NE36TNeXW0pt5kSbqqIAoM2TophQKJJeWRoCTh4QAvD_BwE. Acessado em 09 de nov. de 2021.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *História da África e do Brasil afrodescendente*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SOARES, Elisianne C. de Melo; FREIRE, Leonardo Oliveira. Prisão, Morte Social e Direitos Humanos. *Revista do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos*, [S.l.], v. 20, p. 153-164, dez. 2020. Disponível em: <<http://revista.ibdh.org.br/index.php/ibdh/article/view/427>>. Acessado em 09 out. 2021.